

O DEMONSTRADOR

A ARTE DE DEMONSTRAR EM TODA A SALA. É O TÍTULO DE UM LIVRO, UM DOS MEUS MUITOS PROJECTOS INACABADOS.

■ Em feiras, hifishows, seminários, congressos e audições mais ou menos privadas, já vi e ouvi de tudo por esse mundo fora. Desde o vendedor-de-banha-da-cobra, que anuncia diferenças pretensamente audíveis, como quem prescreve placebos a hipocondríacos cheios de saúde, até ao estilo "tou-me borrifando":

"Isto, meus caros senhores, é o melhor sistema de som do mundo. Se não ouvem a diferença de qualidade, é porque são surdos, ou então não sabem o que é bom! Boa tarde,

obrigadinho pela visita, podem sair, o próximo grupo que entre...NEXT!" A que se segue o comentário assassino para o colega que está cá fora a controlar as entradas: "Please, guys, send me some quality people...". Este é o demonstrador/político típico: o programa é ótimo, o povo é que está errado...

Nos EUA chamam a isto "hifi with an attitude": a ideia é reduzir o potencial cliente à sua insignificância, de forma a que fique eternamente grato por lhe terem vendido um sistema exclusivo "that sounds like shit" por uma pipa de massa. Conheci algumas marcas e distribuidores assim nos EUA: foram todos à falência. A lavagem ao cérebro foi tal que os compradores se convenceram que o fim da marca, logo da garantia, só tinha vindo reforçar ainda mais a sua exclusividade. Assim como sucede com os quadros depois de morto o pintor. Só que estes foram pintar para outro lado com outro nome...

O maior demonstrador de todos os tempos foi Jason Bloom, da Apogee, que faleceu recentemente. Jason parecia um cantor de música *country* e vestia-se em conformidade: chapéu, colete e calças negras, botas texanas, cintos com aplicações de metal. Mas tinha um gosto musical eclético e era um notável conversador: as suas introduções eruditas, explicando o porquê e o como dos fenómenos acústicos, ficaram famosas nos meios audiófilos. Assisti em Paris a uma demonstração inesquecível das Apogee Duetta com amplificação Krell, reproduzindo a Missa Criola, de Ariel Ramirez, com Carreras em grande forma, na acústica perfeita da sala de um palácio oitocentista. Tornámo-nos grandes amigos a partir daí. Sempre que me via na assistência, Jason colocava o disco dos Extreme no prato e tocava *More Than Words*, um registo analógico notável e de cortar a respiração quando reproduzido por um sistema *highend*. Nuno Bettencourt é dos Açores, e Jason prestava assim a sua homenagem a Portugal. No extremo oposto, estava Tim Paravicini, que tinha por hábito sentar-se em silêncio no chão da sala, na posição de lotus, de costas para a porta ignorando ostensivamente quem entrava. O disco era sempre o mesmo e girava no prato até chegar ao fim. Só o rascar da agulha o roubava ao torpor da meditação transcendental.

ARTISTAS PORTUGUESES. Portugal já tem alguns bons demonstradores. São também eles que montam (e carregam!) o equipamento, o que torna a sua função fundamental e muito importante para os distribuidores. Os estilos de actuação variam com a personalidade de cada um.

O decano dos demonstradores nacionais é Eduardo Rodrigues, que optou sempre pela espectacu-

laridade do som de selecções musicais vigorosas "to say the least...". Um dia, em Paris, levou o demonstrador francês a puxar tanto pelo sistema que o amplificador a válvulas se "fundiu" num relâmpago azul. Para Eduardo o som ou tem a dinâmica e o ataque da realidade ou é para esquecer. Para ele não há meio termo e o objectivo final é só um: "ficar a bater mal...".

Jorge "Maître" Gaspar foi o primeiro a quem atribuí o título de mestre. Leva-nos pelo caminho luminoso da música com a insustentável leveza de um monge budista em busca do conhecimento da alma. Saímos de lá sempre melhores e mais puros do que entrámos.

Rui "Gladiador" Calado é uma referência incontornável em demonstrações de Cinema Em Casa, com uma escolha criteriosa de títulos e equipamentos, tanto em termos de som como de imagem. Ainda hoje me enviou um e-mail que dizia assim: a "perspectiva" de Scorsese sobre os "blues" gravado em altadefinição tem a melhor imagem que já vi até hoje em DVD.

No Porto, depois do abandono do popular Canizes, pontificam Guilhermino Pereira, adepto incondicional do LP, e Luís Campos, que tem a arte de tornar cada demonstração num serão em família esbanjando simpatia e amizade.

A esta galeria de celebridades tenho agora o prazer de juntar Alberto Silva, que, após vinte anos de dura aprendizagem, atingiu finalmente o estatuto de "mestre", com a recente demonstração das B&W Nautilus 802D, no Hotel Méridien, em Lisboa (ver reportagem em www.hificlube.net).

O Alberto não selecciona apenas discos, ditos audiófilos, com faixas de música simples, voz e guitarra, por exemplo, gravadas em *close-ups* obscenos para impressionar o ouvinte; nem pretende influenciar o público com discursos prévios de preparação mental, gestos significativos durante a reprodução de certas passagens musicais, ou poses afectadas de alegada superioridade auditiva. Coloca na gaveta discos de música variada, como se estivesse em casa a ouvir aquilo de que gosta, mesmo quando certas faixas possam pôr a descoberto aspectos menos positivos da performance do equipamento; regula o nível de som com moderação e a propósito e afasta-se depois para o seu "cantinho". Aparentemente, limita-se a "virar o disco"; de facto, por trás desta simplicidade de processos, estão horas de trabalho de montagem e afinação e longas audições comparativas: muito suor e alguma inspiração. E o instinto natural que nasce com as pessoas e se revela ao longo dos anos com o trabalho e o estudo. Se continuar assim vai longe. Salvé, Alberto!

Nota: os leitores vão ter a oportunidade de ver Alberto de novo em acção na apresentação das B&W Nautilus 803D, no Hotel Méridien, no Porto, no Sábado, dia 2 de Abril. ■■

José Victor Henriques

jvhsom@netcabo.pt
www.hificlube.net